

MEME – no Br@sil da memeficação
Entrevista para o site do Ministerio da Cultura
Clarissa Diniz e Ismael Monticelli
2026

- 1. Os memes são nativos do ambiente digital e marcados pela efemeridade. Como foi o processo de curadoria para selecionar e “materializar” essas obras no espaço físico do museu e garantir que a essência dinâmica do meme não se perdesse ao ser emoldurada ou transformada em instalação?**

Desde o início, partimos da compreensão de que o meme não pode ser tratado como um objeto estável, passível de musealização — ou institucionalização — nos moldes tradicionais. O que nos interessou não foi tornar o meme uma coisa física, mas o processo que ele envolve: ele emerge na circulação, se transforma a cada compartilhamento e depende radicalmente do contexto para fazer sentido. Por isso, em vez de pensar o meme como “obra”, optamos por pensar a memeficação como operação cultural — um processo coletivo, instável e contínuo de leitura, apropriação, transformação e reinvenção.

Esse entendimento nos levou a evitar a simples transposição do conteúdo digital para o espaço físico, o que facilmente resultaria no congelamento da linguagem. Não nos interessava “emoldurar” memes ou convertê-los em relíquias de um presente que já teria passado. O que se materializa na exposição não é o meme enquanto objeto isolado, mas a memeficação como gesto, e as estratégias que a constituem: repetição e saturação, montagem e desmontagem de sentidos, literalização, ironia, colapso entre ficção e documento, circulação acelerada, dissolução da autoria e contágio coletivo.

Nossa ideia foi, então, fazer uma exposição que pensasse com o meme — acompanhando-o. Tentamos adotar sua lógica operacional, nos aproximar de sua inteligência combinatória e de sua gramática da repetição, do excesso e do desvio profanatório. Em diversos momentos da mostra, o gesto curatorial se converte

deliberadamente em um exercício de memeficação. Reunimos, aproximamos, sobrepomos e tensionamos elementos heterogêneos para produzir fricções de sentido e de afeto, nos moldes de um *image macro* curatorial. Alguns núcleos e recortes da exposição podem, inclusive, ser lidos como verdadeiros *memes curatoriais* — montagens que aglutinam pelo deboche, multiplicando interpretações, ecos e reverberações.

Pensar a curadoria com/como meme é também aceitar rir da própria curadoria. Ficamos muito interessados em profanar as hierarquizações que historicamente domesticam o olhar. Sem o escudo das obras-primas e dos cânones da arte, e deliberadamente fora das trincheiras do cubo branco, a nossa prática curatorial em *MEME: no Br@sil da memeficação* tentou fugir do arquétipo da mediadora infalível e soberana. Ela se expõe à mira do riso, assume o risco do ridículo, permite-se a instabilidade e o contágio. Tomar o meme como método é, nesse sentido, alinhar-se às suas perspectivas estético-políticas e agir com um certo *amor fati* à memeficação: sujeitar-se voluntariamente ao riso, reconhecendo-o não como acidente, mas como condição inevitável do presente.

Ao rir de si mesma, acreditamos que a curadoria se emancipa de sua aura sacerdotal e se aproxima do público não por via pedagógica, mas por cumplicidade. Praticar curadoria como meme é admitir que o saber também pode circular em tom de piada — e que, em muitos casos, só o riso é capaz de dizer aquilo que a teoria insiste em silenciar. A prática curatorial torna-se, assim, uma forma de escuta e de contágio. O que está em jogo não é o meme como “categoria estética”, mas aquilo que a memeficação revela sobre o Brasil — o modo como o país se pensa, se reinventa e se narra por meio do riso.

2. Muitas vezes vemos os memes apenas como piadas, mas a mostra diz que eles ajudam a “narrar o Brasil”. De que forma os memes nos ajudam a entender quem somos e como vivemos?

No Brasil, o riso sempre nos pareceu uma forma privilegiada de elaboração histórica e de posicionamento político. Olhando para trás, dos carnavais às caricaturas, das

marchinhas às sátiras populares, o humor aparece como um contracanto quase permanente à solenidade do poder — uma maneira de comentar a vida pública quando os canais oficiais se mostram distantes, excludentes ou pouco confiáveis. O que os memes fazem, nos parece, é atualizar essa tradição em chave digital.

Eles não apenas comentam acontecimentos, mas condensam afetos coletivos: medo, indignação, cinismo, esperança, descrença. Funcionam como um registro sensível do presente, captando coisas que o discurso político, jurídico ou institucional muitas vezes não consegue traduzir. Ao circularem de forma acelerada e coletiva, os memes acabam revelando como o país pensa em tempo real, como negocia suas contradições e como transforma colapsos em linguagem.

Um episódio histórico que trazemos para a exposição ajuda muito a pensar isso: a eleição do Bode loiô como vereador de Fortaleza, em 1922. Diante de uma descrença generalizada na política oficial e nas oligarquias locais, centenas de eleitores escreveram, nas cédulas de voto, o nome de um bode que vagava pela cidade. O gesto, repetido em massa, acabou se transformando numa espécie de performance coletiva de desobediência civil — um protesto satírico que expunha o descompasso entre povo e poder constituído. Visto hoje, é difícil não reconhecer ali algo muito próximo de um processo de memeficação: uma piada compartilhada que, ao rir, dizia algo profundamente sério sobre a falência da representação política. Cem anos depois, em 2022, nos deparamos com um movimento bastante semelhante nas redes sociais, quando o discurso conspiratório em torno do voto impresso foi amplamente convertido em meme. Assim como no caso do Bode loiô, o humor não anulava a gravidade da situação, mas ajudava a torná-la legível. A paranoia política era devolvida à cena pública como paródia, e o riso funcionava como uma forma de lucidez coletiva, uma maneira de reagir ao absurdo sem sucumbir a ele.

Nesse sentido, narrar o Brasil por meio dos memes é, talvez, reconhecer uma continuidade histórica: sempre que as estruturas formais de representação entram em crise, o humor tende a emergir como linguagem política. Os memes mostram que uma parte importante da nossa inteligência social hoje se organiza fora das formas clássicas do discurso, operando pela ironia, pela síntese e pela circulação em rede. Longe de serem apenas piadas, eles são ferramentas de mediação simbólica por meio das quais

o país se pensa, se critica e se reinventa — muitas vezes rindo, simplesmente, para conseguir seguir existindo.

3. Um projeto desse tamanho, com centenas de artistas e entrada gratuita, exige muito investimento. Como a Lei Rouanet foi importante para tirar essa ideia do papel e garantir que todos possam visitar e conhecer o projeto cultural?

A Lei Rouanet foi central para que *MEME: no Br@sil* da memeficação pudesse existir na sua real dimensão — não apenas como exposição, mas como um projeto cultural de impacto estrutural. Trata-se de uma iniciativa que movimenta de forma radical a cadeia produtiva da cultura, com a contratação direta e indireta de centenas de trabalhadores.

É importante destacar que essa força de trabalho não está concentrada em uma única região. A ficha técnica do projeto reúne profissionais e artistas de todas as regiões do Brasil, de praticamente todos os estados, refletindo a diversidade territorial e cultural do país que a própria exposição discute. Nesse sentido, a Lei Rouanet viabiliza não apenas o financiamento da mostra, mas uma circulação efetiva de recursos, saberes e oportunidades, fortalecendo uma economia cultural descentralizada.

Além disso, por ser uma exposição itinerante, que passa por quatro cidades brasileiras, o projeto amplia ainda mais esse impacto. Cada etapa da itinerância ativa redes locais de produção, contratação e formação, envolvendo equipes técnicas e profissionais das cidades que recebem a exposição. Isso significa que não apenas o público dessas regiões tem acesso gratuito ao projeto, mas que a própria realização da mostra se enraíza nos territórios por onde passa, fomentando a produção cultural local e ampliando o alcance social do investimento público.

Por fim, acreditamos que seja importante sublinhar que esse investimento não se limita à dimensão econômica. O projeto foi concebido a partir de uma reflexão crítica e política profunda sobre o Brasil contemporâneo e sobre o papel do meme como uma das linguagens mais poderosas da vida pública atual. Em um país em que os memes

têm se mostrado decisivos na formação de opinião, na disputa de narrativas e até nos rumos eleitorais, apoiar um projeto como este significa também investir em pensamento crítico, educação do olhar e qualificação do debate público. A Lei Rouanet, nesse contexto, viabiliza não apenas uma exposição, mas um espaço de reflexão coletiva sobre comunicação, democracia e cultura no Brasil.

4. O que vocês esperam que as pessoas sintam ou descubram ao caminhar pela exposição? Qual é o principal recado que o projeto quer deixar para o visitante?

Essa é sempre uma pergunta difícil de responder, porque partimos do princípio de que o público não é passivo. Cada pessoa chega com sua própria bagagem, suas referências, suas experiências e uma forma muito particular de recepção. Não nos interessa conduzir o visitante a uma conclusão fechada nem oferecer uma leitura única da exposição. O nosso desejo é abrir questões, criar situações que provoquem pensamento. Mais do que respostas prontas, tentamos propor uma experiência de pensamento através do humor, entendendo o riso como uma linguagem complexa e ambivalente, capaz tanto de aliviar quanto de expor feridas.

Essa ambivalência é central à própria linguagem do meme. O meme oscila constantemente entre a risada e a tragédia, entre o alívio momentâneo e o colapso. Em um dos núcleos da exposição, apresentamos entrevistas com criadores e humoristas brasileiros, e algo que aparece de forma recorrente nessas falas é o caráter profundamente autocrítico do humor no Brasil. Rimos de nós mesmos, das nossas dificuldades, das nossas fragilidades e das nossas contradições históricas e sociais. O humor, aqui, não surge como um gesto de superioridade, mas como uma forma de lidar com aquilo que nos atravessa e, muitas vezes, nos excede.

A exposição é muito colorida e brilhante. Há uma aparência quase “fofa”, sedutora e chamativa, que dialoga diretamente com a felicidade performada e com a promessa de perfeição tão presentes nas redes sociais. No entanto, à medida que o percurso vai se desenvolvendo, pode ser perceptível que, por trás dessa superfície brilhante, existem questões duras, trágicas e, por vezes, profundamente pessimistas. Em um dos núcleos,

trabalhamos com a ideia do “chorrir”, vinda do emoji “chorando de rir” — essa sensação paradoxal de que a cultura digital contemporânea nos ensinou a sorrir enquanto derretemos.

Nesse sentido, para além de reconhecer os aspectos positivos da linguagem do meme e da memeficação, também nos interessou propor uma reflexão sobre o seu avesso. Uma reflexão sobre a vida digital quando o espetáculo falha: longe do espelho, a maquiagem borra; fora da tela, os filtros colapsam — o avesso da *selfie*, o *backstage* da felicidade performada, o ponto de tensão entre a promessa de perfeição e a sua própria distopia. Ao lado da superlativa criatividade dos memes, a vida digital revela também o quanto somos atravessados por desigualdades, violências e por um regime acelerado de estímulos que promete tudo e entrega pouco.

5. Ao abordar o “combate à ficção com ficção”, a mostra toca em temas sensíveis como desinformação e ética no riso. Qual é a responsabilidade social do projeto ao educar o olhar do público para que ele entenda o meme não apenas como piada, mas como um ato de cidadania e crítica social?

Vivemos um momento em que a realidade é, de forma cada vez mais intensa, disputada narrativamente. Nesse cenário, os memes deixaram de ser elementos periféricos da cultura digital para se tornarem agentes centrais na circulação de sentidos, afetos e versões do real. Isso ficou muito evidente no Brasil nos últimos anos, quando os memes passaram a ocupar um papel estratégico nas disputas político-partidárias. Não por acaso, vimos surgir estruturas organizadas para a produção sistemática desse tipo de conteúdo — como departamentos especializados em memes dentro de campanhas e grupos políticos, ou mesmo iniciativas como o chamado “gabinete do ódio”, um núcleo informal de produção e disseminação de conteúdos virais, desinformação e ataques simbólicos, durante a gestão anterior do governo federal.

Esse contexto deixa claro que os memes não são apenas brincadeiras espontâneas da internet. Eles podem desmontar discursos autoritários, ironizar o poder e revelar

contradições profundas da vida política, mas também podem ser instrumentalizados para amplificar preconceitos, espalhar desinformação e produzir violência simbólica em larga escala. Essa ambivalência — entre crítica e manipulação, entre resistência e controle — é justamente um dos pontos éticos que a exposição toca.

Talvez a principal responsabilidade social do projeto esteja em não naturalizar o riso. Em vez de celebrar o humor de forma ingênua ou, no extremo oposto, moralizá-lo, nos interessou criar condições para que o público perceba suas camadas, tensões e consequências. Educar o olhar, aqui, não significa dizer ao visitante do que ele deve ou não rir, mas tornar o riso legível. Perguntar quando ele desestabiliza o poder e quando o reforça; quando ele cria comunidade e quando produz exclusão; quando ele abre espaço para o pensamento e quando se converte em crueldade ou cinismo.

Historicamente, controlar o humor sempre foi uma obsessão do poder. Piadas desmontam solenidades, expõem contradições e tornam risível aquilo que a autoridade precisa sacralizar. Da política do “pão e circo” na Roma Antiga à censura nas ditaduras latino-americanas, o riso foi, ao mesmo tempo, instrumentalizado como forma de dominação simbólica e combatido como ameaça à ordem vigente. Durante a ditadura militar brasileira, por exemplo, artistas, jornalistas e músicos desenvolveram o que se convencionou chamar de uma poética da fresta, usando o humor como linguagem cifrada de dissidência. O escárnio funcionava ali como uma trincheira simbólica: dizia sem dizer, insinuava, desviava, sobrevivia.

Hoje, esse embate se desloca para o ambiente digital. Em uma sociedade profundamente conectada como a brasileira, passamos a viver sob aquilo que é chamado de “memecracia”: um regime em que a síntese pode se sobrepor à análise, a viralização muitas vezes pode substituir o argumento e o engajamento afetivo tende a se impor ao debate racional. Nesse contexto, combater a ficção com ficção deixa de ser um jogo estético e passa a ser um imperativo político. A exposição tenta assumir essa complexidade ao mostrar que o meme não é apenas uma piada, mas uma intervenção no espaço público, um gesto que pode produzir efeitos concretos sobre a vida social, sobre eleições, sobre percepções de verdade e sobre formas de pertencimento.

Por isso, insistimos na ideia de que rir não é um gesto neutro. O riso revela posições, produz alianças, expõe hierarquias e carrega consequências. O humor não nos afasta

da realidade; ele pode ser uma das formas mais intensas de enfrentá-la. Mas isso só acontece quando estamos dispostos a escutar o que esse riso nos diz e a assumir, coletivamente, as implicações éticas do que fazemos com ele.

6. Como o humor e a “zoeira” dos memes podem ser ferramentas sérias para a gente pensar sobre temas importantes, como política e o modo como nos relacionamos nas redes sociais?

O humor pode ser muito sério justamente porque ele pode interromper a rigidez dos discursos estabelecidos. A “zoeira” desorganiza hierarquias, expõe automatismos e revela o caráter performático do poder. Aquilo que se apresenta como natural, inevitável ou técnico torna-se, de repente, risível — e é nesse deslocamento que o pensamento acontece.

Sob esse viés, podemos pensar, historicamente, nas figuras dos palhaços, bufões e satiristas, que sempre ocuparam esse lugar ambíguo entre o riso e a crítica. Eles dizem aquilo que não pode ser dito diretamente, dramatizam o absurdo da ordem vigente e revelam suas fissuras. Durante períodos autoritários, o humor foi uma estratégia de sobrevivência; hoje, ele se tornou também a gramática dominante das redes sociais. Os memes operam como pequenas encenações políticas, capazes de condensar conflitos complexos em imagens, frases e gestos aparentemente simples.

Nos memes, a política deixa de ser uma abstração distante e passa a ser atravessada pelo corpo, pelo cotidiano, pelo exagero e pelo *nonsense*. Isso desloca o debate para o campo da experiência vivida e afetiva. Ao rir, somos forçados a reconhecer nossas próprias contradições, nossas cumplicidades e nossos limites. O humor, nesse sentido, não simplifica a política; ele a torna sensível.

Mas essa potência vem acompanhada de riscos. A mesma lógica que permite o engajamento crítico pode escorregar para a superficialidade, para o cinismo ou para um ativismo autocentrado, guiado por algoritmos e pela busca de visibilidade. Na exposição, não tentamos ignorar essas armadilhas. Ao contrário, tentamos colocá-las

em cena: quem ri de quem? Com que consequências? O riso sustenta a crítica ou a dissolve no espetáculo?

Pensar a política por meio do humor é aceitar que o pensamento não se dá apenas pela argumentação racional e linear. Em uma sociedade saturada de discursos, o humor se torna uma forma legítima — e muitas vezes necessária — de reorganizar a percepção. Como tentamos mostrar na exposição, entre o picadeiro e o plenário, entre a farsa e a denúncia, o riso pode ser uma ferramenta poderosa de leitura do presente — não como fuga da realidade, mas como sua dramatização crítica.

7. A exposição coloca artistas famosos ao lado de criadores de conteúdo da internet. Qual é a ideia por trás dessa mistura e o que ela diz sobre a cultura brasileira hoje?

Essa aproximação reflete, antes de tudo, a própria lógica da memeficação, que atravessa a cultura brasileira como um todo e não se restringe a um campo específico. Na exposição, tentamos demonstrar que a memeficação não pertence exclusivamente à internet, assim como não pertence apenas à arte, ao humor ou à política. Ela é uma operação cultural disseminada, um processo, um modo de pensar, narrar e reagir ao mundo que se infiltra em diferentes linguagens, suportes e práticas. Nesse sentido, colocar artistas consagrados ao lado de criadores de conteúdo não é um gesto de conciliação entre universos distintos, mas o reconhecimento de que esses universos já estão profundamente contaminados entre si.

Desde o início, foi importante para o projeto não estabelecer diferenciações hierárquicas entre essas produções. Não nos interessava montar uma exposição que colocasse a “arte com A maiúsculo” como referência central, diante da qual outras criações apareceriam como derivadas, menores ou periféricas. Ao contrário, nossa ideia parte da premissa de que essas práticas devem ser apresentadas em pé de igualdade, porque compartilham operações estético-políticas semelhantes: apropriação, deslocamento, repetição, ironia, crítica, experimentação e risco.

Há, inclusive, um ponto que nos interessa muito tensionar: em muitos memes, encontramos gestos de experimentação estética e conceitual que são, em diversos casos, mais radicais e arriscados do que aqueles praticados por parte da arte contemporânea institucionalizada. Isso acontece, talvez, porque o meme opera sem a influência, a legitimação e a proteção do mercado, do cânone ou de validações prévias, gozando de um certo descompromisso com o “bem feito” e o “belo”. Ele nasce do imprevisto, da baixa qualidade, da circulação acelerada, da possibilidade constante de fracasso. Nesse sentido, a cultura dos memes recoloca em cena uma dimensão experimental que, não raro, foi domesticada no campo da arte.

Outro aspecto fundamental dessa escolha é o fato de que as instituições artísticas historicamente tendem a desqualificar manifestações criativas que operam com o humor. O riso costuma ser visto como algo menor, pueril, indigno de valor estético ou intelectual. Por isso, produções humorísticas frequentemente demoram décadas para serem reconhecidas ou institucionalizadas — quando o são. Ao aproximar essas criações do espaço museológico, a exposição não busca “legitimá-las” segundo os critérios tradicionais da arte, mas expor o quanto esses critérios são limitados e excludentes.

Há ainda uma dimensão social e política incontornável nessa decisão. Os memes são, talvez, as imagens mais vistas, circuladas e consumidas no Brasil contemporâneo. Eles atravessam classes sociais, territórios, idades e níveis de escolaridade. Não são objetos restritos a uma elite cultural, como muitas vezes acontece com a arte, que segue sendo majoritariamente acessada e consumida pelas classes mais abastadas. O meme é uma linguagem verdadeiramente massiva, cotidiana, compartilhada e apropriada por milhões de pessoas todos os dias.

O fato de essa ser uma das linguagens mais presentes na vida cultural do país e, ao mesmo tempo, uma das menos trabalhadas pelas instituições artísticas brasileiras revela muito sobre essas próprias instituições: suas dificuldades de lidar com o popular, com o humor, com o efêmero, com aquilo que escapa às formas consagradas de valor e permanência. Revela também uma certa defasagem entre o que o país produz e consome culturalmente e aquilo que é reconhecido como digno de reflexão e pensamento.

Ao colocar artistas e criadores de conteúdo lado a lado, a exposição não busca resolver essa tensão, mas torná-la visível. Sugere que a cultura brasileira contemporânea se constrói tanto no museu quanto na timeline, tanto no ateliê quanto no feed, e que ignorar essa coexistência é perder de vista uma parte fundamental da inteligência simbólica do país. Mais do que misturar linguagens, o projeto evidencia continuidades estético-políticas profundas entre práticas que, à primeira vista, parecem inconciliáveis, mas que, na realidade, participam de um mesmo campo de forças: o da invenção coletiva do Brasil por meio do humor, da ironia e da circulação de imagens.